

MENSAGEM CONSOLADORA

Mãezinha!

Deus nos ampare.

Este é um momento em que preciso agradecer a Deus e lembrar de Deus. Consigo falar alguma coisa no lápis e isto é muito para seu filho.

Rogo ao seu carinho e ao carinho dos nossos: não chorrem mais.

Esqueçamos o quadro a que a senhora se prendeu; naquela madrugada de maio, o dia raiou de novo para nós.

A via Anchieta foi para mim uma estrada maior.

A vida, mãezinha, será sempre assim: um caminho que se abre em outro caminho, até que cheguemos a Deus.

Sei quanto se passou, agora que a calma se fez.

Reporto-me ao assunto unicamente para informar.

O choque dos veículos foi quase que uma explosão nos meus ouvidos. Quis reagir, mas não consegui.

A hemorragia não era simples, o cérebro cedera, desejei falar à companheira que me seguia, mas o pensamento de improvisado se tornou nebuloso e a expressão verbal impossível. Ouvi gritos que se lançaram dentro da noite a terminar; mas depois foi um sono quase suave, sonhava que me via de regresso à casa para festejar o seu dia.

Sonhava... sonhava... até que despertei em nosso próprio ninho doméstico. Suas lágrimas e o choro dos entes queridos caíam sobre o meu corpo físico.

Nada mais vi e nem sei quantas horas de anestesia consegui desfrutar.

Ainda hoje, na ânsia em que me vejo de responder aos seus apelos, ainda não sei medir o tempo.

Abeirei-me de seu regaço e pedi-lhe para não chorar; entretanto, houve um silêncio entre nós que eu não soube explicar a mim próprio.

Nossas lágrimas se misturaram sem se tocarem.

De repente, um amigo surgiu e me afirmou que era o vovô Frei Wandenberg.

Aqueles olhos doces e serenos me inspiraram confiança e acolhi-me nos braços dele!

Novamente dormi para acordar na escola-hospital onde me encontro ainda.

Tenho pedido a Deus que me desse este instante.

Não pensem na morte.

Vivam! É preciso viver.

Lembrei-me facilmente de nossas leituras e de nossas conversações sobre o mundo espiritual e tudo isso me auxiliou.

Luto ainda para equilibrar-me.

Familiares do papai me visitaram e me ampararam.

Também muitas dedicações dos queridos Fernandes.

Agora, mãezinha, se lhes posso pedir alguma coisa, além dos sacrifícios que fizeram por mim, ajudem-me com a paz e com a resignação.

Preciso retomar os meus estudos, mas isso exige serenidade.

Perdoe-me se me decidi a descer para Santos, naquela noite.

Desculpem por tudo.

Orem pela companheira que não tem qualquer culpa e que no íntimo ainda sofre.

Mãezinha, o amor é luz de compreensão. Abençoe o seu filho e abençoe também quantos me compartilharam a experiência.

Aqui vejo que só o bem faz a conta da vida que permanece.

Pensemos nisso e auxilie agora a nossa Valéria na realização de seus ideais e aspirações de menina.

Deus abençoará a irmãinha para que ela lhe seja um tesouro de bênçãos que há de nos enriquecer de confiança e alegria.

Conforte os nossos do coração, diga-lhes que não morri, que estou forte e sonhando novas formas de ser útil às crianças, aos doentes, aos necessitados e aos cegos.

Sei que posso esperar a sua cooperação e a cooperação dos nossos, e aguardarei esse amparo.

Quanto pudermos, mãezinha, estendamos o bem aos outros.

A passagem na Terra é muito rápida; caminhemos plantando flores de paz e amor; sua ternura assim me ensinou e assim prosseguiremos.

Peço a Jesus, agora que valorizo a prece sentindo-lhe a importância real, para que fortaleça minha querida mãezinha e abençoe meu querido pai, a fim de que todos os amigos, embora em planos diferentes, consigamos avançar no rumo da vida superior.

Mãezinha, agradeço de todo o meu coração as suas orações junto de minhas lembranças, porém, não chore mais; recorde que a vejo pelas forças do coração e ajude-me a ser forte tanto quanto preciso ser.

Agradeço as flores queridas que seu filho encomendara para o seu formoso dia, o dia sublime das Mães, e que ficaram para mim mesmo.

De tudo soube depois que a tempestade das idéias conflitantes cessou em meus pensamentos.

Nossa vida prosseguirá, nosso amor não tem despedida.

Reflitamos nisso e confiemos em Deus, sempre unidos.

Amigos espirituais me auxiliam a escrever e agora, minha querida mãezinha, devo encerrar esta prova de carinho e fidelidade.

Não fique triste.

A medicina prosseguirá onde estou e como estou com o amparo de Jesus e dos sábios mensageiros do bem crescerei em conhecimentos novos para servir.

Agradeça a todos de casa por mim. Fale por mim, querida mãezinha, aquilo que continuo desejando escrever em matéria de carinho e não posso.

Através da oração e da saudade, do serviço aos nossos semelhantes e da fé viva em Deus, estaremos mais juntos.

Isto, mãezinha, é tudo o que hoje posso dizer.

Guarde a nossa paz, a nossa alegria e receba aquele beijo de seu filho, sempre seu filho do coração,

Charles.

(Uberaba, 8 de junho de 1973)

DRAMÁTICA PROVA DE AUTENTICIDADE

A "Mensagem Consoladora", recebida pelo médium Xavier, na madrugada de 8 para 9 de junho de 1973, em reunião pública da Comunhão Espírita Cristã, em Uberaba, Minas, foi primeiramente publicada em "A Nova Era", de Franca, Estado de São Paulo, de 31-7-73 (*), com ligeira nota da Redação afirmando que "a mensagem em si e os dados nela contidos são autênticos e totalmente comprovados pela família de Charles".

O Sr. Murilo Matias de Faria, que titulou a página mediúnica, enriqueceu-a com dados substanciais que absolutamente não deixam margem a qualquer dúvida, em "O Semeador", órgão da Federação Espírita do Estado de São Paulo, de agosto de 1973 (**), dados estes que tomamos a liberdade de transcrever na íntegra, eliminando apenas a disposição numérica no corpo da mensagem, por motivos óbvios.

Estudemos estas dramáticas "EXPLICAÇÕES NECESÁRIAS":

"1. O DESASTRE — Na madrugada de 14 de maio de 1972, às 4,30 horas, houve um grande acidente na Via Anchieta, na altura do quilômetro 22,5 e o Volks placa BZ-8158 que Charles dirigia bateu em um ônibus. No acidente, veio o jovem a desencarnar.

(*) "A Nova Era", 31/7/73, ano XLVI, n.º 1.390.

(**) "O Semeador", agosto de 1973, ano 30, n.º 355.

2. A COMPANHEIRA — Estava com Charles no veículo sinistrado, uma acompanhante que, por motivos particulares e desconhecidos por todos, se evadiu no momento do acidente, permanecendo até o presente com a sua identidade ignorada, coisa que deixou a mãezinha de Charles muito constrangida.

3. O DIA DAS MÃES — O dia da desencarnação de Charles era o "Dia das Mães", 14 de maio, do ano passado.

4. O NOME — Esmeralda Cerboncini, obstetra, atualmente residente à Rua Guapeva, 188 — Água Rasa — São Paulo, mãe de Charles, quando estava em trabalho de parto para dar à luz a Charles, no Hospital da Escola Paulista de Medicina, pensando que fosse desencarnar, pois há 15 dias vinha sofrendo desesperadamente e sem solução, desejou confessar-se e solicitou a presença de um padre. Acontece que naquele Hospital havia um frei em tratamento do coração e foi este quem a atendeu em confissão e lhe disse que, antes de ele tornar a vê-la, ela já teria tido um belo garoto, e este frei, tão logo saiu da sala, teve uma parada cardíaca, vindo a desencarnar. Como a presença daquele frei lhe fora tão confortadora e estimulante, encorajando-a e dando-lhe muita confiança e por motivo de ter o mesmo acertado no prognóstico do sexo da criança, D. Esmeralda quis que ele a visitasse já que começava a estimá-lo. Protelaram esse encontro; e tanto ela insistiu que veio a saber do ocorrido. Isto marcou-lhe fundo no sentimento de mãe reconhecida e grata. Solicitou da Madre Fontenele o nome daquele bondoso Frei Wandenberg e se empenhou com o seu marido, Sr. Reynaldo Cerboncini, a darem à criança o nome daquele que lhe fez a última confissão e que desencarnava enquanto seu filho nascia... D. Esmeralda já tinha um nome para dar à criança, caso fosse homem, o de Charles, em memória de um bondoso mestre de música que tanto a ajudara na sua infância pobre de menina amante da sétima arte. Depois de muita luta no cartório, conseguiram registrar a criança com o nome de Charles Wandenberg Fernandes Cerboncini. Quando Charles, já no Grupo, quis saber o porquê

desse Wandenberg no seu nome, a mãe — para não entrar em tais detalhes que talvez ele não fosse compreender —, disse-lhe ser o nome do vovô. Mas, quando Charles, já no Ginásio, verificou que os seus avós não tinham esse nome, soube de toda a verdade e corroborou o já aceito: Vovô Wandenberg. Somente seus pais e ele, Charles, sabiam deste pormenor; mais ninguém.

5. FERNANDES — Nome da família da mãe de Charles. Pai de D. Esmeralda.

6. O CURSO — Charles desencarnou com 22 anos e 28 dias. Era um jovem dinâmico, estudioso, formado em música pelo Conservatório Santa Cecília e desejava formar-se em Medicina.

7. A VIAGEM TRÁGICA — Toda a família descera para Santos no dia 13 de maio de 1972, e Charles ficou em São Paulo estudando, pois iria para lá no domingo logo de manhã. Acontece que uma jovem pediu aos amigos de Charles o endereço dele e encontrando-o, solicitou-lhe que a levasse para Santos, o que ele fez, saindo de São Paulo no sábado de madrugada, quando ocorreu o desastre.

8. EXPERIÊNCIA — Daqueles que sofreram e sentem a partida de um ente querido e daqueles que também desencarnaram naquele acidente, pois vários veículos foram envolvidos e muitos sucumbiram.

9. VALÉRIA CERBONCINI — Irmã de Charles, com 13 anos de idade.

10. AJUDA FRATERNAL — Charles sempre ajudou aos cegos, aos necessitados e às crianças em geral, pois seu coração de jovem detinha sentimentos de fraternidade que eram uma constante em toda a sua curta vida. Fazia muito mais do que aquilo que a sua própria família sabia, em esforços pessoais no sentido de ajudar a minorar os sofrimentos de seus semelhantes.

11. BUQUÊ DE FLORES — Charles havia encomendado à floricultura, na sexta-feira, um lindo ramallete de flores para a sua adorada mãezinha, e quando ele desceu para Santos, naquela madrugada, não esquecera de levá-lo para

ela, e este mesmo buquê serviu para ele mesmo, conforme diz a mensagem.

12. O BEIJO — Era um costume sadio e carinhoso que Charles tinha, toda a vez que se dirigia à sua mãe através de bilhetinhos, ele colocava no fim dos dizeres: um beijo do seu filho, sempre seu filho do coração... A mensagem assim termina.

Pelos doze itens acima, comprova-se a identidade do espírito, uma vez que D. Esmeralda nada disse a Chico Xavier. Ela foi sozinha para Uberaba, ainda em roupa de trabalho, a fim de, mais uma vez, tentar em indo lá, receber alguma mensagem, um consolo, e saber do querido Chico como poderia ajudar ao Charles, além de suas preces... porque, apesar de católica, D. Esmeralda acreditava que os chamados mortos poderiam comunicar-se com os vivos na carne (e agora ela tem certeza...) e a mensagem veio, em 52 páginas psicografadas em alta madrugada, num ambiente de orações, tranqüilidade, em que o Alto chega a nós como dádiva do Pai.

Quero, ainda, comentar a narração de um detalhe importante de toda esta linda história que fez D. Esmeralda acreditar e ter esperanças na pessoa e na mediunidade cristalina do médium de Uberaba, o humilde Chico. Quando Charles desencarnou, devido à hemorragia, pois que não sofreu nenhuma fratura, seu corpo estava perfeito, somente havia dois cortes nas suas faces e esses cortes não foram devidamente suturados, e esvaiu-se em sangue por mais de 5 horas, pois o corpo ficou como que abandonado até que a família o localizasse. D. Esmeralda, com tanto conhecimento entre médicos, vira seu amado filho morrer por falta de assistência e então se revoltou e abandonou tudo, ficando assim como que desarvorada, à cata de consolações, à procura dos *porquês*, querendo explicações... e quando soube que o Chico Xavier estaria autografando livros na Casa Transitória em São Paulo, no mês de maio último, pediu ao seu marido que a levasse a ele. Ela queria vê-lo. O casal chegou lá pelas 9 horas e recebeu o cartão n.º 4.366; pelos

seus cálculos, estariam perto do Chico dali a umas 20 horas. Não poderiam esperar e ela necessitava falar-lhe. Soube então que o Chico estava numa reunião particular, com várias personalidades, deputados, vereadores, pois tratavam da concessão do título de "Cidadão Paulistano" ao médium, e ela conseguiu, por fim, se adentrar no recinto, com muita dificuldade, segurando entre as mãos e com a capa apertada e virada para o seu colo, o livro que o seu marido lhe comprara na entrada. Assim que ela se alojou muito mal entre aqueles que estavam por detrás do Chico, um rapaz lhe disse: "Dona, agora não é hora, o Chico só vai autografar livros depois das 14 horas". Ela respondeu-lhe: "Mas não me interessa autógrafo, pois eu já tenho o livro, eu queria era cumprimentar o Chico!" Nisso, entre toda aquela barulheira e apertos e empurrões, Chico ouviu o que ela disse e voltando-se, sem a mirar, tocando-lhe nos ombros, por entre outros ombros, lhe diz: "Filha, você tem o livro? Então leia a página 107..." (ele não tinha visto o livro e nem sabia qual livro era...), e incontinenti, os presentes os distanciaram pelo acúmulo de gente e ela saiu da sala e, no carro com o marido, abriram o livro naquela indicada página e ambos com os olhos marejados, leram o seguinte:

À FRENTE DA MORTE

Não olvides que, além da morte, continua vivendo e lutando o Espírito amado que partiu...

Tuas lágrimas são gotas de fel em sua taça de esperança.

Tuas aflições são espinhos a se lhe implantarem no coração.

Tua mágoa destrutiva é como neve de angústia a congelar-lhe os sonhos.

Tua tristeza inerte é sombra a escurecer-lhe a nova senda.

Por mais que a separação te lacere a alma sensível, levanta-te e segue para a frente, honrando-lhe a confiança, com a fiel execução das tarefas que o mundo te reservou.

Não vale a deserção do sofrimento, porque a fuga é sempre a dilatação do labirinto em que nos arroja a invigilância, compelindo-nos a despendar longo tempo na recuperação do rumo certo.

Recorda que a lei de renovação atinge a todos e ajuda quem te antecedeu na grande viagem, com o valor de tua renúncia e com a fortaleza de tua fé, sem esmorecer no trabalho — nosso invariável caminho para o triunfo.

Converte a dor em lição e a saudade em consolo, porque, de outros domínios vibratórios, as afeições inesquecíveis te acompanham os passos, regozijando-se com as tuas vitórias solitárias, portas adentro de teu mundo interior.

Todas as provas objetivam o aperfeiçoamento do aprendiz e, por enquanto, não passamos de meros aprendizes na Terra, amalhando conhecimento e virtude, em gradativa e laboriosa ascensão para a vida eterna.

Deus, na Suprema Sabedoria e na Suprema Bondade, não criaria a inteligência e o amor, a beleza e a vida, para arremessá-los às trevas.

Repara em torno dos próprios passos.

A cada noite no mundo segue-se o esplendor do alvorecer.

O Inverno áspero é sucedido pela Primavera estuante de renascimento e floração.

A lagarta, que hoje se arrasta no solo, amanhã librárá em pleno espaço com asas multicolores de borboleta.

Nada perece.

Tudo se transforma na direção do Infinito Bem.

Compreendendo, assim, a Verdade, entesourando-lhe as bênçãos, aprendamos a encontrar na morte o grande portal da vida e estaremos incorporando, em nosso próprio espírito, a luz inextingível da gloriosa imortalidade. (***)

(***) Francisco Cândido Xavier, *Escrínio de Luz*, pelo Espírito de Emmanuel, Casa Editora "O Clarim", Matão, Estado de São Paulo, pp. 107-108.